

HIGIENE, ANGÚSTIA E PANDEMIA: OS DIÁRIOS DA QUARENTENA E O MEDO DO INVISÍVEL

HYGIENE, ANGUISH AND PANDEMIC: THE QUARENTINE DIARIES AND THE FEAR OF THE INVISIBLE

Daniele Ribeiro Fortuna¹
Dostoiewski Mariatt de Oliveira Champangnatte²
Rosane Cristina de Oliveira³

Pela natureza do seu espírito, o homem não pode lidar com o caos.
Seu medo maior é o de defrontar-se com aquilo que não pode controlar...

(José Carlos Rodrigues)

Resumo: O objetivo desse artigo é analisar como a questão do contágio e da angústia aparecem em três narrativas sobre quarentena e epidemia e como, apesar da passagem do tempo e da evolução da tecnologia, os medos podem permanecer os mesmos. A primeira obra é *O diário do ano da peste*, de Daniel Defoe, que retrata a pandemia de peste bubônica ocorrida na Inglaterra em 1665; a segunda, *Diário do artista da quarentena – reflexões e memórias* (volumes abril e maio de 2020), do escritor e músico Kleiton Ramil; e a terceira chama-se *Diários da quarentena*, da professora universitária e escritora Andréa Serpa, também publicada em 2020. As narrativas destes diários apontam as similitudes de situações limites, provocadas pelo medo do invisível, cujo resultado inscreve-se na morte.

Palavras-chave: Diários; Quarentena; Contágio; Medo; Angústia.

Abstract: The purpose of this article is to analyze how the issue of contagion and anguish appears in three narratives about quarantine and epidemics and how, despite the passage of time and the evolution of technology, fears can remain the same. The first work is *The Diary of the Year of the Plague*, by Daniel Defoe, which portrays the bubonic plague pandemic that occurred in England in 1665; the second, *Diário do artista da quarentena* (April and May 2020 volumes), by writer and musician Kleiton Ramil; and the third is called *Diários da quarentena*, by university professor and writer Andréa Serpa, also published in 2020. The narratives of these diaries point to the similarities of extreme situations, provoked by the fear of the invisible, whose result is inscribed in death.

Keywords: Diaries; Quarantine; Contagion; Fear; Anguish.

1 Cientista do Nosso Estado (FAPERJ). Doutora em Literatura Comparada e Pós-Doutora em Comunicação (UERJ). Docente do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade Unigranrio. A autora agradece à FAFERJ o apoio à pesquisa por meio da bolsa de Cientista do Nosso Estado.

2 Pós-Doutor em Comunicação (UERJ), Doutor em Educação (UERJ), Mestre em Educação (UNESA), Graduação em Comunicação Social (UFF-RJ), Licenciatura em Pedagogia (Alfamérica). Docente no Mestrado em Educação da Faculdade de Inhumas e no Mestrado em Desenvolvimento Regional do Centro Universitário Alves Faria (UniAlfa).

3 Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade Unigranrio

Introdução

Em dezembro de 2019, surgiu a modificação de um vírus que transformaria – pelo menos durante um tempo – a humanidade. O SARS-CoV-2, causador da covid-19, teve início na China e, paulatinamente, se disseminou pelo mundo. No dia 26 de fevereiro de 2020, foi registrado o primeiro caso de contaminação no Brasil. Algumas semanas depois, em 11 de março, foi decretada a quarentena no país.

O Brasil foi um dos locais dos mais atingidos. No final de fevereiro de 2023, segundo dados do Google, quando este artigo começou a ser escrito, foram contabilizados 37 milhões de casos e 699 mil mortes. Durante meses, a população mundial se manteve em quarentena. Os indivíduos se viram afetados não somente pelo isolamento, mas também pelas notícias que, ininterruptamente, traziam dados alarmantes sobre um vírus imprevisível e, muitas vezes, letal.

Naquele momento, foram aconselhadas diversas medidas na tentativa de impedir a disseminação do vírus. Quando não era possível manter o distanciamento social – em função do trabalho ou da necessidade de ir ao hospital ou até ao supermercado –, recomendava-se, além do uso da máscara e da limpeza das mãos, a higienização de embalagens e produtos. Depois de voltarem da rua, era comum ainda que as pessoas colocassem suas roupas imediatamente para lavar e se banhassem.

Como afirma Maria Claudia Coelho (2020), viveu-se intensamente a angústia do contato e do contágio. Em seu artigo “Porcos-espinhos na pandemia ou A angústia do contágio”, a autora busca relacionar estas questões às ideias apresentadas por Marcel Mauss e Henri Hubert em seu ensaio de 1904, “Esboço de uma teoria geral da magia”. Mauss e Hubert (2017) apresentam três leis da magia: contiguidade, similaridade e contiguidade. Para estruturar seu texto, Coelho (2020) baseia-se na lei da contiguidade cujo princípio fundamental é que a parte vale pelo todo.

Segundo Mauss e Hubert (2003 [1904] apud COELHO, p. 3), a “ideia da continuidade mágica, quer esta se realize por relação prévia do todo com a parte ou por contato acidental, implica a ideia de contágio. (...) Mas o contágio mágico não é apenas ideal e limitado ao mundo do invisível; ele é concreto, material, e em

todos os pontos semelhante ao contágio físico”.

Nesse sentido, as narrativas do início de 2020 – entre elas, as literárias e as jornalísticas – retratavam o temor do contágio e a angústia que isso causava. O receio de precisar sair do isolamento, as medidas utilizadas quando era necessário deslocar-se, a revolta com pessoas que, por algum motivo, acabavam se aglomerando... Estes são alguns exemplos dos fatos que, no fundo, tinham um motivo único: o medo da morte.

A morte é, talvez, a questão que mais assombra o ser humano. E, em uma pandemia, a proximidade do fim se torna bastante concreta, tornando tudo o que pode representar uma ameaça ainda mais perigoso. Não se trata, obviamente, de um tema novo. A humanidade passou por outras pandemias e foi assombrada por elas. O medo e a angústia foram registrados de diversas maneiras. Uma delas é a literatura.

Nesse sentido, objetivo desse artigo é analisar como a questão do contágio e da angústia aparecem em três narrativas sobre quarentena e epidemia e como, apesar da passagem do tempo e da evolução da tecnologia, os medos podem permanecer os mesmos. A primeira obra é *O diário do ano da peste*, de Daniel Defoe; a segunda, *Diário do artista da quarentena – reflexões e memórias* (volumes abril e maio), do escritor e músico Kleiton Ramil; e a terceira chama-se *Diários da quarentena*, da professora universitária e escritora Andréa Serpa.

A primeira é um livro de ficção, publicado em 1772, que narra os terrores causados pela peste bubônica durante o ano de 1665, na Inglaterra. O segundo se trata de um diário escrito entre abril e maio de 2020, primeiros meses da quarentena provocada pelo Covid-19. Em relação ao terceiro, este apresenta registros de março a junho de 2020. Embora *O diário do ano da peste* seja um livro de ficção, constitui-se no resultado de uma pesquisa em materiais disponíveis na época, principalmente cartas de mercadores, correspondentes estrangeiros e relatos orais (DEFOE apud MARTINEZ, 2009)

Na edição brasileira de 2021, publicada pela Novo Século Editora, Henrique Guerra (2021, p. 4), tradutor e organizador da publicação, informa que: “Esclarecedor artigo de Paula R. Backscheider, da Universidade de Auburn, Alabama, EUA, em que a biógrafa de Daniel Defoe entretence paralelos entre a situação vivida em Londres em 1665, narrada em *Diário do ano da peste*, e

a atual pandemia de Covid-19”⁴ Em artigo publicado em 2020 no livro *A arte da quarentena para principiantes*, o psicanalista Christian Dunker também estabelece uma associação entre a obra de Defoe e a pandemia de covid-19.

Com base nisso, acreditamos ser pertinente a comparação entre a obra de Defoe, o diário do músico e escritor Kleiton Ramil e o diário da professora e escritora Andréa Serpa. Como suporte teórico, vamos nos apoiar principalmente em Rodrigues (1995; 2006), Douglas (1991), Neves (2021) e Butler (2015).

O artigo está dividido em três seções. Na primeira, abordamos a relação entre pandemias e higiene, traçando uma breve genealogia das mudanças de comportamentos no que diz respeito a limpeza e sujeira, a pureza e perigo. Na segunda, refletimos sobre como o medo da contaminação e dos cadáveres provocou uma angústia, que se tornou ainda maior em função das falsas notícias divulgadas naquele momento. Por fim, na terceira e última seção, comparamos os diários de Andréa Serpa e Kleiton Ramil à obra *O diário da peste*, de Daniel Defoe.

As mudanças da higiene sua relação com as pandemias: uma breve genealogia

Historicamente, as pandemias não são algo novo. Desde a “peste negra”, que promoveu a morte de parte significativa da população europeia nos últimos séculos do medievo, as sociedades ocidentais têm assistido, de tempos em tempos, ao aparecimento de vírus e bactérias letais ou extremamente perigosos para a humanidade. Em todos estes contextos, observaram-se o isolamento, o afastamento entre as pessoas e a certeza – confirmada pela medicina – de que o cadáver é um agente contaminador.

Philippe Wolff (1988), em *Outono da Idade Média ou Primavera dos novos tempos?*, ao dialogar sobre fome, epidemias e guerras como as principais marcas de declínio da sociedade medieval, destacou que, de certa forma, as questões de classe, economia e a religiosidade resultaram num contexto importante, especialmente nos períodos da proliferação da “peste negra”. De acordo com o

⁴ Paula R. Backscheider é autora do prefácio do livro. Uma nota de rodapé informa que ela “fez a edição crítica de *A Journal of the Plague Year*, publicada pela Editora W. W. Norton & Company. Acadêmica premiada, Paula é especialista no período da restauração e literatura do século XVIII, crítica feminista e estudos culturais. Escreveu, entre outras obras, *Daniel Defoe: His Life* (vencedor do Prêmio British Council)”

autor, a peste bubônica, transmitida por contato com moscas e pulgas e por via pulmonar (na interação entre os homens) chegou ao território italiano por volta de 1347:

Um navio partido de Caffa para a Itália, à passagem por Constantinopla, semeou aí a peste; depois, chegou à própria Gênova; quando os genoveses se aperceberam do mal que vinha a bordo, intimando o navio a partir, era tarde demais. A peste atacava a Itália pelos seus portos. As cidades do interior não foram capazes de organizar defesa alguma (WOLFF, 1988, p. 25).

Em outros momentos históricos, ao longo do período da modernidade, epidemias como a varíola e a hanseníase foram, assim como a peste bubônica, extremamente perniciosas para a sociedade europeia. No final do século XIX e primeiros anos do século XX, especificamente em 1918, a gripe espanhola assolou vários países europeus e, também, o Brasil. (TEIXEIRA, 1993)

Em todos estes momentos, as manifestações do medo, o crescente cuidado com a higiene e o contágio atrelado, também, à questão social foram marcantes. Tais preocupações surgem na Idade Média, quando as noções de higiene como conhecemos hoje começam a fazer parte do cotidiano.

De acordo com Norbert Elias (1994), o comportamento e os variados processos de higiene fazem parte do chamado processo civilizador. Para o autor, os elementos comportamentais medievais apresentavam características “instintivas”. Um bom exemplo seria o ato de comer e as funções fisiológicas. O controle das necessidades fisiológicas era nulo, ao mesmo tempo em que se realizava a refeição, era possível defecar na presença de todos. Tal comportamento, que hoje seria inadmissível, fez parte da conduta da sociedade medieval (pelo menos em boa parte dos reinos).

A transição da sociedade medieval para a burguesa, especialmente durante os séculos XVI e XVII, foi marcada pela repressão dos instintos, padronização de comportamentos e controle social. De acordo com Elias (1994, p. 93),

Nos diversos países formam-se sociedades pacificadas. O velho código de comportamento é transformado, mas apenas de maneira muito gradual. O controle social, no entanto,

torna-se mais imperativo. E, acima de tudo, lentamente muda a natureza e o mecanismo do controle das emoções. Na Idade Média, o padrão de boas e más maneiras, a despeito de todas as disparidades regionais e sociais, evidentemente não mudou de qualquer forma decisiva. Repetidamente, ao longo dos séculos, as mesmas boas e más maneiras são mencionadas. O código social só conseguiu consolidar hábitos duradouros numa quantidade limitada de pessoas. Nesse momento, com a transformação estrutural da sociedade, com o novo modelo de relações humanas, ocorre, devagar, uma mudança: aumenta a compulsão de policiar o próprio comportamento. Em conjunto com isto e posto em movimento o modelo de comportamento.

Portanto, foi no âmbito do surgimento e consolidação da sociedade burguesa, a chamada sociedade de cortes, que os hábitos comportamentais e as emoções se transformaram. Segundo José Carlos Rodrigues (1995, p. 29), a passagem da Idade Média para a Idade Moderna marca ainda o início de inúmeras mudanças na história das sensibilidades, da higiene e na forma de se encarar a vida: “Espírito e matéria, corpo e alma não se separavam. A invenção dessa dicotomia é a condição preliminar para a suposição de que algo seja dejetado: algo do corpo ou algo do mundo passa a poder ser considerado resíduo”.

Como afirmamos anteriormente, o corpo medieval era acostumado a visões que hoje consideraríamos vergonhosas, a odores fortes e a contatos tácteis desagradáveis. Isso porque não havia separação entre as coisas internas e externas ao corpo. Porém, com o tempo, “as secreções, as fezes, as vísceras, os hálitos, progressivamente passam a ser vistos como algo que deveria ser separado contido, fechando naquele território próprio em que são passíveis de controle”. (RODRIGUES, 1995, p. 38) Passa a haver ainda a separação entre os sãos e os doentes. Hospícios, hospitais e prisões começam a ser criados.

De acordo com Rodrigues (1995), o surgimento da noção de indivíduo também está intimamente ligado a esse processo de higienização. Se as fronteiras entre os corpos – vivos ou mortos -, na Idade Média, era tênue, com o nascimento das cidades e do capitalismo, passa a haver uma delimitação mais marcada. Com isso, o que antes era simplesmente parte do dia a dia torna-se algo que deve ser escondido ou descartado.

O antropólogo afirma ainda que “somente aos poucos, muito aos poucos, é que se vai formando a ideia de que limpeza física é também limpeza moral. (...) os seres bem-apegoados, limpos, banhados penteados, atentos aos detalhes de seus corpos começam a ser consideradas como também confiáveis, aproximáveis” (...) (RODRIGUES, 1995, p. 54)

Nesse sentido, tudo o que não está devidamente limpo pode não apenas indicar falta de cuidado, mas também representar perigo. A limpeza significa (auto)controle, “normalidade”, enquanto a sujeira é sinônimo de descuido e até de ameaça. Para Mary Douglas (1991, p. 6), “a impureza é essencialmente a desordem. (...) Eliminando-a, não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar o nosso meio”. Douglas afirma ainda (1991, p. 10) que “a nossa ideia do impuro é fruto do cuidado com a higiene e do respeito pelas convenções que nos são próprios”.

E a falta de organização e a impureza podem causar medo, principalmente, quando vivemos momentos em que não há controle ou quando estamos lidando com algo invisível, como o covid-19. José Carlos Rodrigues (2006, p. 263) considera que “eventos ‘catastróficos’ denunciam a precariedade da condição humana, na sua insegurança estruturadora (...)”. Tal insegurança, causada pela impureza e pela desordem, acaba implicando reações, por vezes extremas, cujo objetivo é a tentativa de retomar a ordem, o que, por sua vez, significa repelir, eliminar o que é impuro. Entretanto, cabe ressaltar, como aponta Douglas (1991, p. 72), que “a desordem é pois, ao mesmo tempo, símbolo de perigo e de poder”. Afinal, só quem tem poder pode organizar a desordem e afastar o perigo.

Nesse sentido, a questão da higiene é fundamental quando há uma pandemia: a limpeza diminui o risco do contágio. Além disso, o isolamento também reforça segurança, afastando ainda mais o perigo. Trata-se de uma tentativa de afastar também o medo e a angústia.

Isolamento e angústia: o invisível materializado na notícia, nos contaminados e nos cadáveres

Em contextos de crise sanitária da magnitude que foi (e ainda é) a pandemia do coronavírus, as mudanças na vida cotidiana foram inevitáveis,

especialmente nos primeiros meses, sem a perspectiva de cura, controle e vacina. As recomendações de higiene advindas dos órgãos de saúde incluíram: isolamento social, limpeza cuidadosa de produtos, sacolas e roupas antes de entrar no espaço doméstico e limpeza de calçadas, entre outras.

Assim, atrelado à higiene, o medo tornou-se um elemento intrínseco: como evitar a entrada de algo invisível e, ao mesmo tempo letal, nas dependências do lar? É fato que são os vírus e as bactérias os principais perigos para a saúde. Invisíveis aos olhos e eficazes no contágio, fazem parte da natureza. E essa invisibilidade provoca, ao que tudo indica, dois grandes afetos: o medo e a angústia.

Não se trata aqui somente do medo de um vírus, mas sim de tudo o que era desconhecido e que batia às nossas portas. O medo da internação, da intubação e, principalmente, da morte. O agente desconhecido que produzia sintomas diversos em quem se encontrava infectado. Entre 2020 e meados de 2021, o número de doentes que vieram a óbito chegou à quantidade de centenas de milhares. A pandemia tornou a morte uma realidade baseada em números, ofuscando as questões subjetivas e individuais.

De fato, segundo Neves (2021),

Existe uma ligação vital entre contágio e mortalidade como categorias que animam, que dão movimento à pandemia de COVID-19 e que moldam a resposta para isso. Por um lado, o contágio atua como uma categoria transgressora que reorganiza uma economia política de vida e morte ao criar rupturas e, como tal, novas formas de viver e de morrer. Por outro lado, a mortalidade como uma realidade quantificável realidade é uma ferramenta essencial de governança, mas cuja eficácia depende de um processo de descontextualização que apaga a pessoa e o pessoal e privilegia o abstrato e o geral.⁵

Na verdade, desde o início da pandemia, a tragédia já estava anunciada, pois o governo do presidente Jair Bolsonaro, cuja responsabilidade era “organizar a

⁵ Tradução nossa. No original: “There is a vital link between contagion and mortality as categories that animate, that give motion to the COVID-19 pandemic, and that shape the response to it. On the one hand, contagion acts as a transgressive category that reorganises a political economy of life and death by creating disruptions and, as such, new forms of living and of dying. On the other hand, mortality as a quantifiable reality is na essential governance tool, but whose efficacy relies on a process of decontextualisation that erases the person and the personal, and favours the abstract and the general.”

desordem”, impondo regras claras de isolamento, atuou como catalizador do caos. Embora tenha havido um período de quarentena, o presidente não reforçava a necessidade dos cuidados com a saúde, mas sim falava constantemente sobre crise da economia em função de uma “gripezinha” causada pelo covid-19. Ademais, o o governante insistia em divulgar medicamentos de prevenção ao vírus, cuja utilização não era comprovada pela ciência.

Mesmo com as medidas de isolamento, uma grande faixa da sociedade não podia isolar-se sob pena de ficar sem o seu sustento. Com isso, o número de mortos aumentou vertiginosamente, a tal ponto que, em março de 2023, o Brasil ocupava o 18º lugar no ranking de países com maior quantidade de óbitos por covid-19 no mundo (PODER360, 2023).

Este cenário ocasionou mais uma grande catástrofe: na pior fase da pandemia no Brasil (nos últimos meses de 2020 e início de 2021), os cemitérios não comportavam tantos corpos, o que tornava a situação ainda mais perigosa – em função do risco de contágio -, tanto sob o ponto de vista prático quanto sob o aspecto simbólico. Valas enormes eram abertas em cemitérios para dar conta de tantos sepultamentos que, muitas vezes, precisavam ocorrer à noite em função do grande número de falecimentos (MARQUES, 2022). De acordo com Rodrigues (2006, p. 770), “o morto, como as coisas insólitas, anormais ou ambíguas, constitui um ser impuro cujo contato representa perigo para o mundo das normas. Em muitas sociedades ameaça manchar a todos e a tudo que tem ou teve contato com ele – incluindo os seus pertences (...)”.

Os sepultamentos ou cremações deveriam ocorrer da maneira mais rápida possível, sem velório, o que, muitas vezes, impossibilitava a despedida dos entes queridos. Como afirma José Carlos Rodrigues (2006, p. 799):

A morte não pode ser esquecida com facilidade. Sobretudo quando se trata de uma pessoa próxima, é talvez o golpe mais violento que a existência dirige ao homem. Ela significa uma terrível ameaça ao grupo humano e exige alterações substanciais na organização da vida, principalmente quando é inesperada. A morte de uma pessoa adulta significa normalmente dor e solidão para as pessoas que sobrevivem: verdadeira chaga que põe em risco a vida social.

Nesse sentido, as mortes por covid-19 representavam uma dupla ameaça: não apenas pelo fim de uma vida, mas pela situação em que ocorriam. Rodrigues (2006) considera que tudo o que tem relação com a morte deve ser exorcizado – a morte em si, o cadáver e tudo o que diga respeito a ele. Entretanto, durante a pandemia, este é (era) praticamente um movimento impossível, já que a morte paira(va) como um prenúncio sobre a cabeça de todos.

O medo do invisível, a morte iminente e o isolamento social compõem uma tríade que marcou esse período de forma inexorável. O corpo sem vida, o cadáver, conforme salientou Rodrigues (2006), era também um agente do contágio. E é nesse caos, que a angústia se instala, na forma de sintoma e que requer do vivente o combate solitário contra seus pensamentos materializados na dor emocional que atinge o corpo.

Foi num contexto pandêmico, no início do século XX, que os olhares sobre a vida e a morte, do ponto de vista psíquico, tomaram novos rumos. Sigmund Freud, já com seus escritos psicanalíticos consolidados, vivenciou um momento marcante em sua trajetória: a morte de sua filha, Sophie, vítima de gripe espanhola. Nos anos 1920, a epidemia atingiu a Europa e outras partes do mundo, levando à morte centenas de milhares de pessoas.

Em suas cartas, endereçadas a amigos e familiares, Freud deixou registrado os rumos desastrosos do mundo do pós-guerra e, também, a pandemia de gripe espanhola. Para Freud, o mais impactante ao perder sua filha para a gripe foi a impossibilidade de velar o corpo, em decorrência da dificuldade de locomoção pelo território provocado pela devastação da guerra e, também, pela ausência de resoluções políticas para conter a pandemia de gripe.

Neste trabalho, tomamos a questão da angústia como um afeto importante e intimamente ligado ao medo do contágio. Na clínica psiquiátrica, a angústia está atrelada à chamada síndrome do pânico, que paralisa e provoca dores psíquicas e corporais. Entretanto, durante a pandemia, as experiências de vida e de morte que rondaram as pessoas trouxeram um dado novo: todos, sem exceção, ou perderam alguém da família ou amigo próximo ou conhecidos de amigos. Ninguém deixou de sentir a dor e a angústia que a ausência do corpo, acometido pelo invisível e mortal, deixou como legado pandêmico.

Segundo Neves (2021, p. 94), quando se trata de uma pandemia, o contágio

pode ser visto como um ponto inicial, que atua para “espalhar e intensificar surtos” e cuja gestão levaria ao controle da pandemia propriamente dita. Mas a morte, ao contrário, significaria uma falha nesse processo. Na verdade, como aponta Neves (2021), esta perspectiva não leva em consideração que as as mortes são um ponto de partida de um novo capítulo da narrativa pandêmica, que acaba reconfigurando profundamente os rituais, procedimentos técnicos e negociações em torno da morte. Esta reconfiguração, por sua vez, tem um impacto profundo na experiência de morte na visão dos membros da família, implicando ainda mais sofrimento (NEVES, 2021), já que se despedir nem sempre era possível.

Em 17 de março de 2021, por exemplo, uma foto aérea do cemitério de Vila Formosa, em São Paulo, trouxe um ponto de vista diferenciado em relação às notícias sobre as mortes em decorrência do coronavírus. A imagem retratava a situação de muitas localidades brasileiras exatamente um ano após a divulgação oficial da primeira morte por covid-19 – naquele momento, contabilizavam-se 282.400 mortes no Brasil. A foto mostrava os corpos enfileirados, dentro ou ao lado de suas respectivas covas “rasas”, em barro batido. Ao mesmo tempo em que se assemelhava a um cenário de guerra, também se traduzia em solidão. E, mais uma vez, os corpos, agentes de contágio, trouxeram à tona uma discussão sobre luto e quem, num momento pandêmico, é ou não passível de vivenciar a angústia e o enlutamento.

Nesse sentido, Judith Butler, em *Quadros de Guerra* (2015), apresenta uma discussão marcante sobre precariedade e ser ou não passível de luto. Obviamente, a autora discute a questão em situações de guerras, de violência extrema. No entanto, nos momentos mais delicados da pandemia do coronavírus, os cenários de morte e horror se multiplicavam. Para Butler (2015, p. 29), “quando lemos a respeito de vidas perdidas com frequência nos são dados números, mas essas histórias se repetem todos os dias, e a repetição parece interminável, irremediável”.

As imagens de velórios com número restritos de participantes (para chorar seus mortos), o corpo ensacado e não visto em decorrência do caixão fechado nos levam à reflexão de que a vítima de covid-19 não era, em potencial, passível de luto ou, de uma parte do rito, o “velar o corpo”. Além disso, as imagens também implicaram a proximidade da finitude da existência pela via do invisível e inevitável vírus.

Por outro lado, em meio à dor, angústia e sofrimento, a propagação de notícias falsas foi desastrosa para parte expressiva da população. Em agosto de 2020, circularam imagens de um caixão aberto sendo retirado do túmulo. Em seu interior, só havia pedras. Embora o vídeo tenha sido desmentido rapidamente, sua propagação teve continuidade em grupos de Whatsapp (ALMEIDA, 2020). A indignação e, ao mesmo tempo, a dificuldade de compreender que o vídeo era falso desencadearam em muitos que tiveram acesso às imagens revolta e desconfiança sobre as mortes provocadas pelo coronavírus.

Atualmente combatido com vacinas mais eficazes e com o número de mortes infinitamente menor do que assistimos em 2020 e 2021, a pandemia do coronavírus deixou como legado a vulnerabilidade do humano frente aos vírus. De tempos em tempos, tal vulnerabilidade é reafirmada.

No período da quarentena, as emoções de medo, angústia e horror intensificaram-se e foram amplamente descritas nas redes sociais como uma forma de “desabafo”, tentativa de compartilhar os sentimentos e, em muitos casos, foram elaborados diários, narrando o cotidiano do isolamento. Assim, conforme veremos a seguir, os diários escolhidos que retrataram o período da quarentena de covid-19, de Kleiton Ramil e Andrea Serpa, e o documento histórico, o *Diário da Peste*, de Daniel Defoe, que apresenta a pandemia ocorrida na Inglaterra em 1665, são separados pelo tempo, mas unidos pela narrativa e pela semelhança de seu conteúdo.

A quarentena, os diários e o tempo: similitudes entre pandemias (século XVII e XXI)

Durante a quarentena provocada pelo covid-19, inúmeros foram os relatos compartilhados nas redes sociais sobre aquele momento. Vários diários também foram escritos durante a pandemia.

De fato, é comum que as pessoas mantenham diários em fases difíceis de suas vidas. De acordo com Philippe Lejeune e Catherine Bogaert (2020), em geral, os diários são escritos em um momento de crise ou para relatar uma viagem. Com isso, a maioria dos diários se concentra em um tema específico, em um episódio da vida. Terminada aquela etapa, os registros costumam ser abandonados.

O medo e a angústia foram os assuntos principais dos textos, atrelados à questão da higiene e do contágio. Eram sentimentos cujo alvo era algo invisível, afinal uma bactéria e um vírus não podem ser vistos a olho nu. Porém, o invisível se tornava concreto por meio das notícias, dos contaminados e dos cadáveres. E quanto à higiene, podia ser observada não apenas na preocupação com o cuidado com o corpo e limpeza de objetos, mas também com o isolamento.

Como afirmamos anteriormente, o objetivo deste artigo é abordar estes temas no livro *O diário da peste*, de Daniel Defoe, e nos diários de Kleiton Ramil e Andréa Serpa. Interessante observar como, passados quatro séculos, os temores e angústias – e até mesmo as situações – se assemelham. Embora a obra de Defoe não seja um diário, trata-se de um livro-romance considerado por muitos críticos como um exemplo de jornalismo literário, resultado de uma pesquisa bastante aprofundada realizada pelo autor.

O manuscrito retrata a Grande Peste de Londres, epidemia de peste bubônica, causada pelo bacilo *Yersinia pestis*, que é transmitido por pulgas e ratos. De acordo com Paula Backscheider (2021, p. 9), Daniel Defoe aborda tópicos que também foram enfrentados durante a pandemia de covid-19: “os limites da autoridade pública, os direitos e o tratamento dos doentes, a responsabilidade do governo de financiar os cuidados com a saúde, as pressões da compaixão e, terrivelmente, (...) o que fazer com o número inesperado de corpos”. E estes tópicos vêm sempre acompanhados de medo, angústia e, principalmente, da sombra da morte.

Na Londres da década de 1660, a peste bubônica começou sorrateira. As notícias chegavam da Holanda, que sofrera um surto em 1663. Com o tempo, o que parecia apenas um boato se tornou realidade e, ao final de 1664, dois homens franceses morreram, e o número de mortos começou a aumentar, alastrando-se de modo incontrolável. Muitos infectados se escondiam para evitar que as autoridades invadissem suas casas e aqueles que podiam fugir da cidade largaram tudo e foram viver no campo durante um tempo: “a classe mais rica, especialmente a nobreza e a alta burguesia da parte oeste da cidade, começou a emigrar com suas famílias e criados, como nunca antes se vira”. (DEFOE, 2021, p. 23)

Em janeiro de 2020, no Brasil, o vírus do covid-19 parecia uma ameaça distante. Notícias informavam o que se passava na China, mas ninguém podia

esperar que, em março, uma quarentena seria decretada. O diário de Kleiton Ramil (2020a, p. 4) se inicia três meses depois. Desde o início, o medo: “Ir até a esquina e ter medo de ser contaminado é uma tortura. Não poder abraçar as pessoas que amamos é um desconsolo”.

Entretanto, tanto no século XVII quanto no século XXI, muitos não acreditavam que seriam contaminados e não mantinham o distanciamento. Se, na Londres de 1665, essa descrença ocorria em função de ideias de predestinação, segundo as quais, “o destino de cada homem é predeterminado e previamente decretado de modo inalterável” (DEFOE, 2021, p. 29), no Brasil de 2020, predominava o pensamento fanático. Em seu diário, Andrea Serpa (2020, p. 219) afirma: “O Brasil escolheu dar sua contribuição e escrever algumas das páginas mais tristes, absurdas e inacreditáveis sua história, reeditando o pensamento obscurantista e fanático como uma narrativa possível para esse estranho século XXI, onde a Terra voltou a ser plana e a ciência inimiga da religião.”

Um pensamento mágico evitaria o perigo do invisível. Como afirma Coelho (2020, p. 4), referindo-se a Mauss e Hubert, “as ideias mágicas são ‘essencialmente obscuras’”. Assim, seria possível, por meio de consulta a oráculos ou de tratamentos preventivos sem comprovação científica combater a bactéria ou o vírus – “Partiu tomar remédio de tuberculose pra gripe; tomar remédio de Lúpus pra alergia... Pra que fechar diagnóstico? É tudo COVID-(17)! Todo mundo já sabe!” (SERPA, 2020, p. 208) ou ainda “‘INFALÍVEL: pílulas que previnem contra a peste’; ‘GARANTIDO: preservadores contra a infecção’” (DEFOE, 2021, p. 53).

Na Londres do século XVII, boatos baseados em profecias, previsões e prognósticos não paravam de circular. Relatos sobre visões premonitórias assustavam a população, deixando as pessoas “dominadas por delírios”, que as faziam acreditar que a peste “arruinaria toda a cidade, e até mesmo o reino, e destriuiria quase toda a nação, tantos seres humanos quanto animais”. (DEFOE, 2021, p. 46) O invisível parecia concretizar-se em rumores. No Brasil do século XXI, não foi diferente – “em momentos de crise milhares de narrativas se transformam em nuvens carregadas... E nos aterrorizam. Mentas aterrorizadas não raciocinam direito.” (SERPA, 2020, p. 179)

As notícias também estimulavam o medo, enfatizando a presença desse

inimigo invisível que é o vírus. Faziam com o que o momento, que já era terrível, se tornasse tenebroso: “Já estamos todos solapados por ideias e pensamentos que nos deixam nervosos, estressados, assustados e as vezes sem esperança. Ouvimos notícias por todo lado da maldita pandemia que agora controla nossa vida, através de um inimigo invisível”. (RAMIL, 2020b, p. 95)

Conforme a ameaça se tornou real, milhares de pessoas começaram a se infectar ou morrer. O medo do contágio, então, tomou conta da população. Como considera Douglas (1991), a desordem implica perigo, mas também poder. Como vimos, no livro de Defoe, quem podia – ou seja, membros da elite - se afastava da cidade. Quem era obrigado a permanecer circulava com medo, evitando o contato com outras pessoas. Não por acaso, as regiões mais atingidas foram as periféricas e mais populosas: “a infecção se alastrou primeiro nas paróquias da periferia, mais populosas e vulneráveis socialmente, presas mais fáceis para a peste do que a burguesia intramuros” (DEFOE, 2021, p. 23) No século XXI, a mesma situação aconteceu. Enquanto muitos aproveitaram a possibilidade de trabalhar em casa para se mudar temporariamente para áreas mais isoladas, a maior parte da população continuava enfrentando transportes públicos cheios e hospitais lotados: “Nosso povo miserável saiu da invisibilidade e agora se tornou uma ‘bomba relógio’, um problema.” (SERPA, 2020, p. 120)

Assim, o povo saiu da invisibilidade não apenas pelo número de contaminados, mas também por necessidade de sobrevivência. Os pobres não podiam cumprir o isolamento, porque precisavam trabalhar. Por isso, tornaram-se também “perigosos”, ameaçadores. De acordo com Neves (2021), o vírus se constitui em um participante ativo em regimes de vida e morte, cuja qualidade contagiosa acaba transgredindo tais regimes, redistribuindo a vida e a morte a partir de critérios socioeconômicos, demográficos e raciais.

Daniel Defoe (2021, p. 74) informa, por exemplo, sobre as ordens do governo em relação aos mendigos:

Um dos principais problemas é a multidão de desgarrados e mendigos errantes que se aglomera em todos os pontos da cidade, fator importante na propagação da infecção, os quais desobedecem a toda e qualquer ordem. Portanto, fica ordenado que a força policial, e outros a quem este assunto possa preocupar, tome um cuidado especial para que nenhum

mendigo errante possa circular nas ruas desta cidade, de qualquer forma ou maneira, sob as penas previstas por lei, as quais lhes serão aplicadas devida e severamente.

No Brasil, ao mesmo tempo em que o governo decretou a quarentena, o presidente dava entrevistas informando como aquela situação era prejudicial à economia e afirmando que o povo precisava trabalhar e que os estudantes deviam voltar às escolas. Andrea Serpa (2020, p. 284) cita Jair Bolsonaro:

“Tem que enfrentar a chuva, pô! Tem que enfrentar o vírus. Não adiante se acovardar, ficar dentro de casa. Nós sabemos que a vida é uma só. Sabemos dos pais que estão preocupados com os filhos voltarem à escola. Mas tem que voltar à escola, nós não temos nenhuma notícia de alguém abaixo de 10 anos de idade que contraiu o vírus e foi a óbito ou foi para a UTI.” (BOLSONARO, Jair)

Para alguns, esta fala incitava o medo; para outros, encorajava a enfrentá-lo. E enfrentar o medo significava expor-se ao contato com outros e, portanto, à contaminação e aos riscos que isso implicava. Enquanto uma minoria da população, isolada ou não, tinha acesso a tratamentos diferenciados e, portanto, chances de se curar, grande parte enfrentava as consequências: “Eles são RICOS, têm acesso aos melhores médicos e hospitais, e se tiverem que tirar o respirador de alguém (tipo nós) para por neles, eles farão, sem nem olhar a sua idade.” (SERPA, 2020, p. 315)

Em Londres, parte da população que estava em isolamento resolveu sair pela cidade mesmo assim, ainda que estivesse infectada: “aqueles que assim fugiam espalhavam ainda mais a infecção, pois saíam perambulando com a doença neles impregnada, naquela situação desesperadora. (...) Os interditados faziam de tudo para escapular de casa, infestados com a peste, sem saber para onde ir, nem o que fazer, ou até mesmo sem se importar com isso.” (DEFOE, 2021, p. 85)

Se, como afirma Douglas (1991), a limpeza é sinônimo de autocontrole, cuidar da higiene se tornou mais do que se proteger do vírus. Manter-se limpo é ter a sensação de que está tudo em ordem – a ordem em meio ao caos. Nesse sentido, Kleiton Ramil chega a sonhar com os rituais de higiene que adotava –

“Sigo as regras ensinadas pelos especialistas em contágios: lavar bem as mãos com sabão, usar álcool 70º, deixar sapato lá fora, tomar banho quando chega da rua e até passei a lavar a cabeça também com sabonete (dizem que shampoo não adianta)” (RAMIL, 2020a, p. 41)

Em uma noite, Ramil sonhou que estava preso em um chuveiro, o que interpretou como uma metáfora do que era sua vida naquele momento: “E tomar banho? Não recomendam todo tempo lavar as mãos com sabão, usar álcool? Pois é, tudo faz sentido em relação a este momento. Um espelho interior disfarçado do que estou vivendo em estado de vigília.” (RAMIL, 2020a, p. 34). O peso do isolamento, atrelado ao medo do contágio, tomava conta do seu corpo e do seu subconsciente.

Em *O diário do ano da peste*, as medidas de higiene consistiam, entre outras ações, em interditar a moradia de pessoas infectadas por um mês, além de isolar e arejar seus pertences por meio de fumaças e incensos. Além disso, se alguém morria dentro da casa, ninguém poderia acompanhar o cadáver até a igreja. Tanto naquele momento quanto durante a pandemia de covid-19, a morte se tornou mais solitária.

Daniel Defoe (2021, p. 96) refere-se à carroça dos mortos, que buscavam os cadáveres nas casas dos infectados. Solitários na hora final, os corpos eram juntados a outros em “sepulcros” nos quais eram “jogados talvez cinquenta ou sessenta cadáveres”. Na sepultura, que se assemelhava mais a uma vala, não havia distinção: “ricos e pobres acabavam juntos” (DEFOE, 2021, p. 101)

Como vimos, no Brasil, não foi diferente. Em maio de 2020, já eram 25 mil mortos – “Não tenho mais palavras... Porque tantas perdas nos impõem a silenciar Porque tanta dor nos convida ao silêncio” (SERPA, 2020, p. 479)

Se, por um lado, a bactéria e o vírus igualavam os mortos, por outro, estes se tornaram mais ameaçadores, porque representavam uma possibilidade imediata de morrer e também um perigo concreto de contaminação. A consequência era o sentimento de angústia do fim e de uma solidão devastadora – “Alguém que você ama internado sozinho. Caixaão fechado. Sem direito a velório. Pode ser você. Podem ser os nosso...” (SERPA, 2020, p. 490). Buscamos desconsiderar a morte ao longo da vida, mas, durante a pandemia, ela se tornou bem próxima e, portanto, ainda mais perigosa.

Aqueles que tentavam ignorar o perigo, muitas vezes, viam-se cara a cara com ele. Em 1665, em Londres, os cadáveres demoravam a ser removidos, provocando pavor na população. Em função do contato com os corpos, os caveiros acabavam se infectando, piorando a situação: “Nessa época, a preocupação com a própria segurança era tanta que não havia espaço para sentir pena das angústias alheias; pois todo mundo tinha a morte, por assim dizer, batendo às suas portas, e muitos estavam com as famílias já contaminadas, sem saber o que fazer ou para onde fugir.” (DEFOE, 2021, P. 176) Além disso, o temor ao cadáver faz com que haja necessidade de se enterrá-lo o mais rapidamente possível. Vê-lo se putrefazendo aos nossos olhos configura-se em risco ainda maior imediato.

No auge da pandemia, como a morte podia ser iminente e o cadáver representava sujeira e perigo, muitas vezes, as pessoas se preocupavam de forma exagerada com a sua própria segurança e pouco com o próximo. Quando infectadas, a revolta tomava conta, fazendo com que muitos buscassem infectar os outros, pois “quando a pessoa não suporta estar mais infeliz do que a outra e acalenta involuntariamente o desejo de que todos sofram como ela, ou estejam em situação tão ruim quanto a sua.” (DEFOE, 2021, p. 227)

Entretanto, a solidão e o medo do fim permaneciam iguais. Na Londres de Defoe, a população clamava a Deus quando via a carroça dos mortos. Na pandemia de covid-19, enquanto Andréa Serpa (2020, p. 477) expressa o medo de uma morte que inverte a lógica “natural” das coisas - “morrer não podia ser essa bagunça que é. Morrer cedo aquele em quem a vida pulsa... Morrer antes da própria estreia... Morrer antes da própria mãe... (...) Morrer sem dizer até... Morrer sem dizer adeus” (SERPA, 2020, p. 477) -, Kleiton Ramil parece evitar referir-se a ela diretamente. O medo está nas entrelinhas do texto, bem como nos sonhos do escritor e nos cuidados rigorosos com a higiene.

Considerações finais

Neste breve texto, apresentamos um olhar sobre o momento pandêmico no Brasil, tendo como norteadores a análise de narrativas de diários do tempo presente, de Andrea Serpa e Kleiton Ramil. Além dessas diários, buscamos elementos de proximidades com a obra ficcional de Defoe sobre a Londres do

século XVIII, intitulada *O diário do ano da peste*.

Em contextos pandêmicos, observamos inúmeras similitudes, atemporais, que demonstram a fragilidade do ser humano: o medo, a angústia, o horror, a solidão. O cenário catastrófico e de profunda tristeza que o mundo vivenciou durante o período mais difícil da covid-19 assemelha-se, inevitavelmente, a momentos análogos da história, como a peste bubônica, no medievo, a varíola e a hanseníase, a gripe espanhola.

Um dos fatores que perpassam historicamente por contextos pandêmicos é a questão da higiene. Tanto durante a crise da peste bubônica e da gripe espanhola quanto do novo coronavírus, a limpeza de artefatos diversos e do corpo foram as medidas mais importantes. E, também, o distanciamento ou isolamento, pois a invisibilidade do vírus transformou a convivência em algo de alta periculosidade.

A morte, acontecimento inevitável na vida de qualquer pessoa, em tempos pandêmicos atrela-se à tragédia. Causa revolta saber que, com medidas adequadas, poderia, em muitos casos, ter sido evitada. Entretanto, conforme salientamos ao longo do artigo, no caso brasileiro, o principal agente do caos foi o próprio Estado. E, embora a luta pela descoberta de vacinas eficazes tenham mobilizado o mundo, em diversas situações, os movimentos antivacina e o negacionismo foram os maiores responsáveis pelo número alarmante de óbitos. O governo de Jair Bolsonaro, conforme chamamos a atenção, agiu com descaso e profundo desrespeito: atrasou pesquisas sobre as vacinas, incentivou o contato (nitidamente sugerindo o “contágio de rebanho”), minimizou as mortes e foi um artífice de disseminação de fakenews.

Outra questão sobre a qual nos debruçamos neste texto diz respeito ao corpo, ao cadáver. Este, observado também como fonte de contágio, e não sendo possível os ritos fúnebres, se transformou em um símbolo da incerteza e da dor provocadas pelo impedimento de vivenciar o luto. Tais pontos estão inscritos nas narrativas jornalísticas, como a reportagem em torno da imagem de centenas de covas abertas e caixões a serem depositados, bem como nos boatos descritos por Daniel Defoe.

Por outro lado, as narrativas inscritas nos diários de Andrea Serpa e Kleiton Ramil traduzem as marcas do isolamento social que, para além da tentativa de evitar o contágio, apresentam os impactos da solidão, do medo da morte e da indignação. No auge do isolamento social, com a impossibilidade de contato, o

campo virtual se tornou o lugar de catarse e de possibilidades de circulação de modos de ver e sentir a angústia.

Neste sentido, esperamos, com este artigo, trazer olhares, vozes e narrativas sobre um momento marcante e inexoravelmente triste, que demonstrou mais uma vez a fragilidade do humano, a incerteza e a morte, evitáveis ou não, mas que, certamente, traduziram-se no medo do desconhecido. Em tempos sombrios, este foi um legado marcante que a pandemia da Covid-19 deixou.

Referências

ALMEIDA, Ana Tereza. Mulher que divulgou vídeo fake sobre caixões cheios de pedras em BH é indiciada pela Polícia Civil. *G1*, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/08/24/mulher-que-divulgou-video-fake-sobre-caixoes-cheios-de-pedra-em-bh-e-indiciada-pela-policia-civil.ghtml>. Acesso em: 12 Abr 2023.

BACKSHEIDER, Paula R. Lições do diário do ano da peste. In: DEFOE, Daniel. *O diário do ano da peste*. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2021 (Edição do Kindle).

BUTLER, Judith. Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?. RJ: Civilização Brasileira, 2015.

COELHO, Maria Claudia. Porcos-espinhos na pandemia ou A angústia do contágio. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Rio de Janeiro – Reflexões na Pandemia 2020 – pp. 1-10, 2020.

DEFOE, Daniel. *O diário do ano da peste*. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2021 (Edição do Kindle).

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo* – ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, 1991.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Diário do ano da peste. In: DUNKER, Christian. *A arte da quarentena para principiantes* [recurso eletrônico]. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1994.
LEJEUNE, Philippe; BOGAERT, Catherine. The practice of writing a diary. In: BEN-AMOS, Batsheva; BEN-AMOS, Dan. *The diary: the epic of everyday life*. Indiana: Indiana University Press, 2020 (Edição do Kindle).

MARQUES, Julia. 'Memória do povo é curta': no cemitério da covid, há dor e negacionismo. *Notícias Uol*. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/10/20/cemiterio-do-codigo-de-barras-se-divide-entre-dor-da-covid-e-negacionismo.htm> Acesso em: 12 abr 2023

MARTINEZ, Monica. Jornalismo literário: a realidade de forma autoral e humanizada. *Estudos em Jornalismo e Mídia* - Ano VI - n. 1 pp. 71 – 83, jan./jun.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. Esboço de uma teoria geral da magia. São Paulo: Ubu Editora, 2017. (Edição do Kindle)

NEVES, Marcos Freire de Andrade. Living the death of others: the disruption of death in the COVID-19 pandemic. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 27, n. 59, p. 91-108, jan./abr. 2021

PODER360. *Com 3.278 mortes de covid por milhão, Brasil é 18º em ranking*. 03 mar 23. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/com-3-278-mortes-de-covid-por-milhao-brasil-e-18o-em-ranking/>. Acesso em: 07 mar 23.

RAMIL, Kleiton. *Diário do artista da quarentena – reflexões e memórias* (Abril). Edição do Kindle. Porto Alegre, RS: Bestiário / Class, 2020a. (Edição do Kindle)

_____. *Diário do artista da quarentena – reflexões e memórias* (Abril). Edição do Kindle. Porto Alegre, RS: Bestiário / Class, 2020b. (Edição do Kindle)

RODRIGUES, José Carlos. *Higiene e ilusão*. Rio de Janeiro: Nau, 1995.

_____. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. (Edição do Kindle).

SERPA, Andréa. *Diários da quarentena*. Maricá, RJ: Editora Proverbo, 2020. (Edição do Kindle)

TEIXEIRA, Luiz Antonio. Medo e Morte: sobre a epidemia de gripe espanhola de 1918. *IMS/UERJ*, Série Estudos em Saúde Coletiva, n. 059, 1993. (Disponível em: <https://www.ims.uerj.br/wp-content/uploads/2017/05/SESC-059.pdf>)

WOLFF, Philippe. *Outono da idade média ou primavera dos novos tempos?* Lisboa: Edições 70, 1988.